

Interseções discursivas nas primeiras trovas burlescas: *Luiz Gama de leitor a literato*

Joelia de Jesus Santos
Universidade Federal da Bahia
josantos_17@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5361-1687>

RESUMO: Este artigo aborda a trajetória político-literária de Luiz Gama, no Brasil império, século XIX, mostrando seu pioneirismo na criação de uma literatura dissidente na maneira de pensar a sociedade oitocentista. Para tanto, fez-se uma análise do livro *Primeiras Trovas Burlescas*, publicado em 1859, a fim de evidenciar quais foram os intelectuais ou escritores que tiveram significativa importância na construção da intelectualidade de Gama. Por isso, buscou-se verificar a importância da leitura para que Luiz Gama se construísse escritor, ressaltando como as obras lidas refletiram em seu livro poético. Nesse sentido, a presente pesquisa mostra em que medida Luiz Gama conseguiu se desvencilhar das leituras realizadas para criar poemas autênticos e contrários às concepções estético-políticas da época. O estudo em voga tem como aporte teórico Silvio Oliveira (2004), Elciene Azevedo (1997), Lígia Ferreira (2011), Sud Mennucci (1938).

PALAVRAS-CHAVE: Luiz Gama. Literatura. Dialogismos discursivos.

LITERARY INFLUENCES IN THE FIRST BURLESE THROWS: LUIZ GAMA FROM READER TO LITERATE

ABSTRACT: This article discusses Luiz Gama's political-literary trajectory, in empire Brazil, in the 19th century, showing his pioneering spirit in the creation of dissident literature in the way of thinking about 19th century society. To this end, an analysis was made of the book *Primeiras Trovas Burlescas*, published in 1859, in order to highlight which were the intellectuals or writers who had significant importance in the construction of Gama's intellectuality. For this reason, we sought to verify the importance of reading for Luiz Gama to build himself a writer, emphasizing how the read works reflected in his poetic book. In this sense, the present research shows the extent to which Luiz Gama managed to detach himself from the carried out readings to create authentic poems and contrary to the aesthetic-political conceptions of the time. The current study has as theoretical contribution Silvio Oliveira (2004), Elciene Azevedo (1997), Lígia Ferreira (2011), Sud Mennucci (1938).

KEYWORDS: Luiz Gama. Literature. Discursive dialogisms.



INTRODUÇÃO

Na historiografia literária brasileira, Luiz Gama é um dos poucos negros referenciados como autor, em vez de personagem na literatura hegemônica. Em pleno século XIX, sob o regime escravocrata e difusão das correntes científicas de cunho racista, Gama inseria no conjunto das letras nacionais a subjetividade do sujeito afrodescendente. Destoando dos escritores de sua época no que diz respeito à forma de abordar a escravidão e representar os afrodescendentes, Gama mostra o quão enviesado era e continua sendo o olhar dos literatos sobre a população negra no Brasil, dando margem para se pensar uma literatura que possa ser inclusiva.

Apesar de inserido em um contexto em que os africanos e seus descendentes sequer eram considerados humanos, Luiz Gama deu provas de que na literatura cabia sujeitos como ele não apenas na condição de personagem, mas também de autor. Perspicaz, Gama aprendeu a ler, fez-se escritor das *Primeiras Trovas Burlescas* (1859) e tornou-se um expoente poeta da terceira fase do Romantismo brasileiro. Dessa maneira consegue se inscrever no círculo literário brasileiro e ainda estabelecer diálogo com intelectuais a exemplo de Camões, Gregório de Matos, Xavier de Novaes dentre outros.

Em virtude das inúmeras pesquisas que vêm sendo realizadas desde a publicação de *O precursor do abolicionismo no Brasil* (1938), Luiz Gama obteve considerável notoriedade no âmbito acadêmico, chegando, inclusive, a ficar conhecido no exterior. Pesquisadores como Lígia Ferreira, principal estudiosa do poeta negro; Elciene Azevedo, que desenvolveu importantes pesquisas sobre Gama; Silvio Roberto Oliveira, autor da tese *Gamacopéia: ficções sobre o poeta Luiz Gama*, têm visibilizado as produções deste escritor, que por décadas ficou no ostracismo literário. Portanto, a pretensão deste estudo é fazer uma análise da trajetória intelectual de Luiz Gama a partir de estudos críticos e biográficos sobre esse autor, com o intuito de mostrar com quais autores o poeta em estudo dialoga para construir seus poemas.

Em vista disso, este trabalho discute sobre a construção do leitor e do literato Luiz Gama a partir da obra *Primeiras Trovas Burlescas* (1859), mostrando o dialogismo existente na referida obra. De acordo com a professora e pesquisadora Vera Lúcia Pires (2002), o fundamento de toda linguagem é o dialogismo, pois, assegura, “todo enunciado é apenas um elo de uma cadeia infinita de enunciados, um ponto de encontro de opiniões e visões de mundo” (PIRES, 2002, p. 39). O diálogo, defende a autora citada, é o princípio geral da linguagem, de comunhão solidária e coletiva, mas sem passividade, uma vez que o indivíduo constrói o seu discurso ressignificando outros discursos. Nesse sentido, “o que produzimos é um tecido de vozes, de muitas vozes que se relacionam polemicamente entre si” (PIRES, 2002, p. 41).

A SAGA DO POETA DA LIBERDADE

A 21 de junho de 1830, nascia, em Salvador, na Bahia, Luiz Gonzaga Pinto da Gama, o filho da insurgente Luísa Mahin. Aos 10 anos de idade, Gama fora vendido na condição de escravo pelo próprio pai. Dando início a sua saga, o poeta da liberdade

experienciou o sofrimento do cativo desde sua ida forçada ao Rio de Janeiro, onde inicialmente Luiz Gama serviu à família Vieira, para em dentro de um curto intervalo de tempo novamente ser vendido, desta vez para o Alferes Antônio Pereira Cardoso.

Levado às cidades de Campinas e Jundiaí pelo seu então dono, trajeto segundo Luiz Gama realizado a pé, mesmo ele tendo apenas 10 anos de idade, conforme destacou em sua biografia, Gama toma consciência da escravidão ainda na infância, marcando conforme Silvio Roberto Oliveira (2004), a antecipação da maturidade. Nestas cidades, o filho de Luísa Mahin seria negociado mais uma vez se os compradores não estivessem recusando escravizados vindos da Bahia. O último a recusá-lo foi Francisco Egídio de Souza Aranha, que ao saber de onde vinha Luiz Gama, desiste de comprá-lo sob a seguinte justificativa: “Baiano? Nem de graça o quero. Já não foi por bom que o venderam tão pequeno (MENNUCCI, 1938, p. 23).

Essa má fama está associada às diversas rebeliões de escravos baianos pela busca da liberdade, ideal que à época constituía um problema para os escravocratas dependentes da força de trabalho dos africanos e descendentes para a construção de suas riquezas. Segundo Clóvis Moura (1993), os escravagistas temiam enfrentar nas suas fazendas estopins da dimensão daquela ocorrida em São Domingos¹. Rejeitado, Luiz Gama passa a morar no sobrado dos Cardoso, localizado em São Paulo, na rua do Comércio, próximo à Igreja da Misericórdia.

A recusa dos escravocratas lhe foi favorável, como reconheceu Luiz Gama (“Valeu-me a pecha”), porque se tivesse sido vendido talvez não conhecesse Antônio Rodrigues do Prado Júnior, com quem aprenderia as letras e os números, códigos através dos quais conseguiria provas inconcussas de ter sido irregularmente comprado pelo Alferes Antônio Pereira Cardoso. Respaldo pela lei do ventre livre², em 1848, Luiz Gama deixa a casa de seu antigo senhor e vai assentar praça.

Desde então, até 1854, Luiz Gama serviu à força militar brasileira, da qual se desvinculou por suposta insubordinação. De soldado passou a prestar serviços ao catedrático da Faculdade de Direito, o conselheiro Furtado de Mendonça, o mesmo que por sua atividade, caráter e comportamento havia conquistado estima e proteção. Em 1856, Gama é nomeado amanuense da Secretaria de Polícia, entretanto, após dois anos de exercício, opositores do Partido Liberal o demite do cargo.

Surge, com isso, o rábula da liberdade ou como é mais conhecido, o advogado dos escravos. O conhecimento jurídico-legislativo que Gama adquirira nas poucas aulas do curso de Direito que ousou frequentar e também nos diversos livros da biblioteca que teve acesso enquanto era ajudante de Furtado de Mendonça, além de lhe diferenciar entre os afrodescendentes (no que tange à instrução formal), fora utilizado para defender a eman-

1 Revolução Haitiana liderada por negros escravizados e libertos que aconteceu na colônia francesa de São Domingos a partir de 1791. Essa revolta escrava resultou na independência e pôs fim à exploração e violência dos colonizadores franceses, mas, infelizmente, devido às retaliações dos países escravocratas a ilha, onde hoje é o Haiti, fora reduzida à pobreza.

2 Promulgada em 28 de setembro de 1871, a Lei do Ventre Livre determinava que os filhos de mulheres escravizadas nascidos a partir desta data ficariam livres do cativo.

cipação dos cativos. Se tornou advogado eloquente, fervoroso abolicionista, defensor de “todos os pobres, todos os infelizes e dos míseros escravos” (FERREIRA, 2011, p. 203).

Paralelo a atividade de advogado e abolicionista, Luiz Gama exerceu a função de poeta, publicando em 1859, pela Tipografia Dois de Dezembro, *As Primeiras Trovas Burlescas*. Sua obra poética obteve recepção calorosa do público paulistano, sendo novamente editada e posta à venda em 1861, pela Tipografia de Pinheiro & Cia. Esse sucesso todo está relacionado principalmente a autoria dos poemas, Luiz Gama era um dos raros negros que teve a perspicácia de produzir versos satíricos para não só contestar o sistema escravagista, mas também ironizar hábitos da sociedade brasileira do século XIX.

De acordo com Bernd (1992), *As Primeiras Trovas Burlescas* funciona como um verdadeiro divisor de águas na literatura brasileira, por apresentar uma voz dissonante no restrito círculo das letras em pleno século XIX e pela linha de indagação que se insere sobre a identidade, hoje também trilhada pelos escritores da literatura afro-brasileira. “Aos 29 anos, Luiz Gama apresenta à sociedade uma obra antológica que expressa, entre outras questões, a experiência de quem viveu as clivagens raciais” (SANTOS, 2014, p. 135) sob um ponto de vista crítico e persuasivo.

Apesar do sucesso de seu livro, Luiz Gama é autor de uma única obra, que pelo título, consoante Wilson Martins (1977), teria continuidade. Todavia, Sud Menucci (1938) acredita que o poeta afro-brasileiro deixou de produzir textos literários para dedicar-se ao abolicionismo. A verdade é que “existe uma constelação de imagens literárias de Luiz Gama. Todas elas sofreram do viés abolicionista” (OLIVEIRA, 2004, p. 159), entretanto tais imagens acabam desconsiderando que Gama encontrou outro meio de divulgar seu pensamento intelectual, seja na imprensa ou nos tribunais, em ambos punha à mostra as concepções que moldaram seu caráter.

O ingresso de Luiz Gama na imprensa aconteceu em 1864, ano de fundação do seminário humorístico *Diabo Coxo*, redigido por ele e ilustrado pelo caricaturista Ângelo Agostini, que aproveitou a litografia para democratizar a imagem, até então, privilégio das classes abastadas. O periódico foi acolhido calorosamente pelos leitores paulistanos, os quais foram à Litografia Alemã para adquirir o número inaugural do primeiro jornal com ilustrações da cidade de São Paulo, demonstrando satisfeitos com evidente progresso da imprensa ilustrada do século XIX.

Membro da Loja Maçônica América, instituição que resolveu trabalhar no intento de promover a propagação da instrução primária e a emancipação dos escravos pelos meios legais, Gama ajudou fundar uma escola noturna de primeiras letras, com vagas para 214 alunos, das quais cem foram preenchidas, e ainda criara a primeira biblioteca popular do Brasil. Também fundou a sociedade Redentora, encarregada de libertar crianças na condição de escravo. Conforme Jair Santos (2016, p. 92), “Luiz Gama surgia como o advogado empoderado, cuja trajetória de vida, ideias e atuação militante eram aplaudidas por muitos”.

Em 1882, seis anos antes da abolição, o rábula da liberdade morre em decorrência do diabetes, deixando um vazio no movimento abolicionista, que apesar da efervescência, perderia força no combate à escravidão. À época, a morte de Luiz Gama causou verdadeiro alvoroço na cidade de São Paulo. Gente de todas as classes foram às ruas prestar as últimas homenagens ao cidadão ilustre. Libertos, negros e senhores escravocratas dividiram o mesmo espaço em respeito aquele que tanto lutou por igualdade. Cerca de 3 mil pessoas, das aproximadamente 40 mil que habitavam a capital, marcaram presença no cortejo fúnebre, entre elas, advogados, acadêmicos, jornalistas, magistrados, o conde de Três Rios etc.

Após 133 anos da morte de Luiz Gama, a Ordem dos Advogados do Brasil nacional e paulista (OAB) decide em cerimônia realizada na Universidade Presbiteriana Mackenzie, no ano de 2015, conceder o título de advogado ao abolicionista baiano Luiz Gonzaga Pinto da Gama. Benemar França, 68 anos, recebeu a homenagem em nome do tataravô, para ele a titulação significa um resgate ao trabalho realizado por Gama na sua luta pela libertação dos cativos. O então presidente da OAB, Marcus Vinícius Furtado, considera a homenagem justíssima, pela luta do homenageado em prol da liberdade, igualdade e respeito entre os indivíduos sociais do Brasil império.

Sílvio Luiz de Almeida, presidente do Instituto Luiz Gama (ILZ), afirma que a homenagem é inédita, raramente o título de advogado é concedido a alguém com “notório saber” em Direito, ainda mais após a morte. Segundo o mesmo, Luiz Gama é importante para história da comunidade negra brasileira, tanto pela sua ligação com o movimento abolicionista quanto pela luta contra o racismo, “já era hora dele ter esse reconhecimento oficial”, porque embora não tenha cursado Direito, fora orador ímpar, um dos principais defensores da abolição. Foi responsável pela libertação de centenas de africanos dos grilhões da escravidão, “dedicara seus últimos anos unicamente à causa dos escravos, abandonando qualquer veleidade literária ou política” (FERREIRA, 2011, p. 213).

A trajetória de Luiz Gama revela um personagem que conseguiu subverter a ordem para entrar na história como abolicionista, advogado e poeta, que além de estabelecer laços com figuras ilustres do seu tempo, no campo literário também dialoga com importantes escritores estrangeiros e nacionais. É isso que evidenciaremos no tópico seguinte, cujo foco será a construção autoral de Luiz Gama.

O LEITOR E O LITERATO LUIZ GAMA: O ENTRECRUZAMENTO DE DISCURSOS EM TROVAS BURLESCAS

Leitor voraz, Luiz Gama consumiu muito da produção intelectual europeia, mormente de Portugal, de onde veio a maioria dos livros para o Brasil. A lista de autores cujas obras foram lidas por Luiz Gama ultrapassa a quantidade de nomes aludidos neste trabalho, sem dúvida. No entanto, para a realização deste estudo foram considerados somente os escritores com textos reproduzidos nas *Primeiras Trovas Burlescas*, os quais compõem o grupo de pensadores que o poeta negro-romântico teve como inspiração poética. Importantes literatos portugueses e brasileiros moldaram a intelectualidade de Gama por

meio de suas respectivas obras, com as quais o poeta dialoga ao escrever as poesias de sua única produção literária.

O clássico português *Os Lusíadas*, de Camões (1524-1580), esteve entre os preferidos de Luiz Gama. Para introduzir o poema intitulado “O grande curador do mal das vinhas (p.75)”, o poeta usou como epígrafe os dois últimos versos da terceira estrofe do primeiro canto, a saber: “Cesse tudo o que a musa antiga canta/que outro valor mais alto se levanta” (2000, p. 1). Gama utiliza esses dois versos do poeta português porque pretendia, de modo semelhante, fazer uma crítica à figura do herói. Em seu primeiro cântico, Camões faz alusão aos feitos memoráveis de civilizações consideradas heroínas em virtude de suas conquistas, pedindo que,

[...]
 Cessem do sábio Grego e do Troiano
 As navegações grandes que fizeram;
 Cale-se de Alexandro e de Trajano
 A fama das vitórias que tiveram;
 Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
 A quem Neptuno e Marte obedeceram.
 Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
 Que outro valor mais alto se levanta (CAMÕES, 2000, p. 1)
 [...]

Nesses versos, Camões propõe que as narrativas sobre gregos e troianos, bem como sobre figuras lendárias como Alexandro e Trajano não sejam mais cantadas, pois, outro valor fará emergir novos heróis. Valendo-se desse mesmo princípio, Luiz Gama em seu poema intitulado “O grande curador do mal das vinhas”, de maneira satírica, questiona a posição de herói conferida a determinado sujeito, conforme pode-se observar:

Diante do herói vinham, saltando,
 Uma chusma de Bacos, de cornetas;
 Também Vinha Príapo, enfurecido,
 Entre velhas zanagas, e cambetas!
 D’espanto dominado, lhe pergunto:
 Quem és tu, ó mortal, que assim caminhas?
 Responde-me o colosso, insano e forte:
 “O grande curador do mal das vinhas!!”
 [...]
 Por ele se esqueçam os humanos
 De Assírios, Persas, Gregos e Romano
 – Que nas grimpas da glória repimpado
 Um abraço vai dar no sol dourado (GAMA, 1974, p. 76-77).

Estabelecendo uma intertextualidade discursiva com Camões, Luiz Gama também sugere satiricamente que pelo grande curador do mal das vinhas, deve-se esquecer dos assírios, persas, gregos e romanos, povos memoráveis, mas passíveis de esquecimento, dado o “prestígio” do herói caricato da poética gameniana. Camões é o segundo escritor

mais referenciado por Luiz Gama nas *Primeiras Trovas Burlescas*, denotando seu gosto pela epopeia e lirismo do português, que à época, dado o teor patriótico de “*Os Lusíadas*” e demais obras, fascinava os românticos que expressaram um patriotismo nacional.

Além de Camões, na obra poética de Luiz Gama há referência a Nicolau Tolentino de Almeida (1740-811), poeta satírico português, autor de sonetos, odes, sátiras e memoriais. É considerado um dos grandes literatos do século XVIII. Deste autor, Gama dialoga com o soneto intitulado “A um leigo arrábido vesgo despedido da mesa de S.C.P. Silva, por tomar a melhor pera da mesa 29”, no qual os glutões, aquele que come excessivamente, é alvo da crítica mordaz do poeta português, que escreve:

(...)
 Que os gázeos olhos pela mesa espalha
 Por ver se há mais comer que tire, ou peça,
 Entrando nele com tal fome, e pressa
 Qual faminto frizam em branda palha;
 Por crimes de alta gula, e pouco siso,
 De mesa bem servida, mas severa,
 Foi num dia lançado de improviso.
 Hoje chorando o seu perdão espera:
 Perderam dois glutões o Paraíso,
 O antigo por maçã, este por pêra (ALMEIDA, 2019, p. 18).

Utilizando-se de uma linguagem satírica, Tolentino de Almeida destina a sua crítica aos glutões, neste caso, aqueles que dispõe de mesa farta. Criando uma associação com o pecado original de Adão e Eva, que por gula, tendo comido a maçã, foram expulsos do paraíso, Tolentino evidencia que a imprudência precede o infortúnio. Tomando como epígrafe a segunda estrofe do soneto de Tolentino, em seu poema Luiz Gama faz crítica semelhante no poema intitulado “Os glutões”, cuja narrativa longa versa sobre as extravagâncias dos abastados, conforme constata-se:

(...)
 Presuntos de Lamego, Perus cheios,
 Roast beafs, e leitões, tenras perdizes,
 Tostado arroz de forno, nabos quentes,
 Gansos, marrecas, patos, codornizes.
 (...)
 Cerveja da godêmia, marasquino,
 O licor de Campinas, decantado,
 Que faz sua visita, pelas onze,
 À gente de focinho alcantilando.
 (...)
 Dos glutões já cadentes leio a fama
 Nas páginas de um livro quinhentista;
 Vejo a gula amolando as férreas garras,
 Para em guerra tenaz fazer conquista (GAMA, 1974, p. 96-97).

O próprio Luiz Gama revela em seus versos que conhece a fama dos glutões de um livro quinhentista, evidenciando tratar-se da obra de Tolentino, da qual foi retirado o trecho citado em sua obra poética. Nessa perspectiva, ao citar nomes de comidas e bebidas, Gama faz alusão às figuras da sociedade cuja fome é insaciável. No entanto, vale ressaltar, a fome de que fala Luiz Gama não é apenas por comida, mas também pelo poder, como denuncia as metáforas presentes nos versos: “Famintos tubarões, sedentos monstros/Imortais tesoureiros d’obras pias” (GAMA, 1974, p. 100).

Escritores nacionais também figuram nas *Primeiras Trovas Burlescas*. Gregório de Mattos (1636-1696), um dos maiores poetas do Barroco no Brasil e em Portugal, também foi citado na obra poética em análise. De acordo com Antônio Pires (1998), a crítica assinala que, por não se conhecer nenhum texto assinado por Gregório, torna-se difícil o estabelecimento definitivo de seu texto, uma vez que há poemas cuja autoria lhe é atribuída, no entanto pode ter sido escrito por outro autor. Segundo Antônio Pires (1998), um exemplo disso é a famosa série de sonetos *Desenganos da vida humana metaforicamente*, hoje atribuída a Fonseca Soares, mas esse não é o caso do poema com o qual Gama dialoga em seu livro poético.

O poema Retrato do governador Antônio Luiz da Câmara Coutinho, de autoria de Gregório de Matos, faz uma descrição do governador a partir de um eixo vertical indo da cabeça aos pés, conforme observa-se:

Vá de retrato
 por consoantes,
 que eu sou Timantes
 de um nariz de tucano
 pés de pato.
 Pelo cabelo
 Começo a obra,
 que o tempo sobra
 para pintar a giba do camelo.
 (...)
 Você perdoe,
 nariz nefando,
 que eu vou cortando
 e inda fica nariz
 em que se assoe (MATOS, 2010, p. 115-116)
 (...)

Com base nos versos transcritos acima, Luiz Gama escreve o seu poema “A um nariz”, que dialoga com o texto poético de Gregório no que diz respeito ao caráter descritivo e sarcástico. Utilizando como epígrafe a última estrofe transcrita, desde o título de sua poesia, Gama demonstra a relação do que escreve com o texto de seu conterrâneo, tal qual percebe-se:

Aí vai, leitores,
 Um monstro esguio,
 Que em corrupio

De uma rua tem posto os moradores.

(...)

Nariz bojante,
Recurvo e longo,
Que lá do Congo
Alcança o Tenerife e monte Atlante
(...)

Nariz alado,
De cor bringela,
Que de pinguela,
Serviu no amazonas celebrado (GAMA, 1974, p.67- 68).
(...)

Consta nas *Primeiras Trovas Burlescas* trechos de muitos autores além dos até então referendados, o que nos permite afirmar que Luiz Gama fora leitor de escritores como Junqueira Freire (1832-1855) e Bernardo Guimarães (1825-1884), pois há referência aos escritos destes. Entretanto, devido à extensão deste trabalho, por ora, não faremos uma análise no sentido de mostrar o entrecruzamento discursivo entre Gama e esses poetas.

Nessa perspectiva, as epígrafes indicam que antes de se tornar escritor, Luiz Gama fora, acima de tudo, um leitor contumaz da literatura, um amante da poesia, afinal, não se dissocia a leitura de escrita. Gama, como nenhum outro, valorizou os livros, porque todo conhecimento literário e jurídico adveio dele, sua formação aconteceu em vez da sala de aula, nas bibliotecas. Certo de que conhecimento é poder, Luiz Gama se apoderou do saber para criar fissuras no sistema opressor e assim mover-se na sociedade escravista que ele desejava transformar em uma sociedade republicana.

De leitor, em 1859, com a publicação das *Primeiras Trovas Burlescas*, Luiz Gama passou a ser escritor e o primeiro romântico a se auto identificar negro no discurso literário, fincando a voz autoral negra no Romantismo brasileiro. Nas palavras de Mennucci, “o livro constituía um veemente libelo da raça desprezada, que demonstrava, assim, a sua capacidade de ascensão” (1938, p. 63), através da arte do próprio ascendente. Trata-se de uma obra cujos poemas têm caráter estético e político, sendo, por esta razão, ainda hoje muito importante para refletir sobre a sociedade brasileira do presente e do passado.

LUIZ GAMA: UM LEITOR DE XAVIER DE NOVAES

A sátira é necessariamente o que define o estilo burlesco das *Primeiras Trovas Burlescas*, propositalmente assim batizada com o intuito de anunciar já pelo título, o teor da obra. Segundo Elciene Azevedo (1997), ao lançar mão da sátira como principal gênero poético de seu livro, Luiz Gama não destoa do que se estava produzindo entre os círculos letrados, pelo contrário, engrossa a discussão política a partir do seu lugar de ex-escravo. Os temas sobre os quais versava Luiz Gama, eram em sua maioria abordados pelos românticos, portanto, escreveu de acordo as ideias do Romantismo brasileiro.

Leitor dos poetas satíricos Nicolau Tolentino, de quem preservou a simplicidade da escrita; Gregório de Matos, do qual manteve o humor causticante; Faustino Xavier de

Novaes (1820-1869), com este último aprendera falar de todos sem direcionar seu ataque, escolheu o gênero literário sátira, à época mais adequado ao tipo de produção que realizaria. Nos poemas de Luiz Gama, “se a sátira é agressiva, feroz na crítica às imoralidades, ela guarda em si a intenção de punir para corrigir” (DUARTE, 2012, p. 65), pelo motivo do poeta buscar a transformação do *status quo*.

De acordo com Linda Hutcheon (1985), a sátira tende a fazer uma afirmação negativa daquilo que é satirizado visando a distorção, por esse motivo utiliza, com frequência, “a paródia como veículo para ridicularizar os vícios ou loucuras da humanidade, tendo em vista a sua correção” (HUTCHEON, 1985, p. 74). Logo, a premissa de Alberto Faria sobre a obra de Luiz Gama, considerada por ele um mero arremedo formal, não se sustenta, porque o poeta não faz uma cópia do que lê, mas cria uma intertextualidade discursiva com diferentes autores, criando dessa maneira, um estilo próprio de escrita.

Para Northrop Frye (1957), a sátira é a ironia militante, cujas normas morais são relativamente claras, e aceita critérios a partir dos quais mede-se o grotesco e o absurdo. O efeito satírico requer uma mínima fantasia, ou seja, um conteúdo no qual o leitor possa identificar como grotesco e, ainda, um padrão moral implícito que direcione as ações dos satiristas quando selecionar suas absurdidades. A sátira precisa ter graça, pois o ataque sem humor, forma um dos limites deste gênero. Escritor e leitor numa dialogicidade devem estar de acordo quanto à natureza indesejável do que será atacado, por isso, geralmente, o escritor busca no coletivo a temática de suas discussões.

O risonho nos poemas de Luiz Gama está no uso de figuras de linguagem que omitem o sentido denotativo dos versos. As metáforas são as que na maior parte das vezes desempenham esse papel, ao que se refere a abordagem de temas convencionais oriundos da sociedade oitocentista, que apesar da distância temporal, alguns continuam sendo discutidos na modernidade. A crítica de Gama, como propõe a sátira, não centra na figura dos sujeitos enquanto indivíduo, porém, sim, nas atitudes de uma coletividade que impactam diretamente as relações sociais. Portanto, o ataque gameniano apresenta um mundo cujos valores encontram-se em decadência.

Antes de Luiz Gama, Faustino Xavier de Novaes (1820-1869), jornalista, poeta e escritor português fez da sátira um instrumento de crítica social, o que resultou em sua saída forçada de Portugal para o Brasil devido à perseguição sofrida, em consequência do humor picante contra os figurões portugueses. Junho de 1858, Novaes chega ao Rio de Janeiro, onde se estabelece com os familiares, inclusive a sua irmã Carolina Augusta Xavier de Novaes, esposa do escritor brasileiro Machado de Assis, de quem era amigo. Nesse mesmo ano publica o livro *Novas Poesias* (1858), o qual contém comentários de Camilo Castelo Branco, e obteve sucesso estrondoso; cerca de oito mil exemplares foram vendidos ao público brasileiro. Há indícios de que Luiz Gama tenha adquirido a obra citada, tanto as epígrafes, quanto a semelhança de alguns poemas dele conduzem para tal suposição.

Poeta satírico, Xavier de Novaes “não suportava a poesia lírica, descompromissada com a crítica social” (JANUZZI, 2009, p. 70), seus versos têm funções para além da estética literária, característica que deve ter cativado Luiz Gama, admirador genuíno de Novaes. A forma de escrever deste português reflete nos poemas de Gama no tangente a cromática dos versos e organização das estrofes. As temáticas se aproximam, mas, sobretudo, nos poemas políticos direcionados aos membros da elite, literariamente criticados através dos tipos humanos construídos pelos respectivos poetas burlescos.

No poema “Sortimento de gorras para a gente do grande tom”, a crítica de Luiz Gama é direcionada aos poderosos do Brasil Império que são imorais, daí nome tão sugestivo. O poeta satiriza os vícios de uma sociedade corrupta e condena veemente as atitudes antiéticas das pessoas, aparentemente honestas, mas que praticam ações vergonhosas. Os versos decassílabos do texto poético em destaque, vêm nesse sentido, brindar os leitores com uma descrição fidedigna da realidade brasileira, no tocante a degradação dos costumes nativos pelos portugueses degenerados expulsos de Portugal, evidente no trecho:

Se grosseiro alveitar ou charlatão
Entre nós se proclama sabichão;
E, com cartas compradas na Alemanha,
Por anil nos impinge ipecacuanha;
Se mata, por honrar a Medicina,
Mais voraz do que uma ave de rapina;
E num dia, se errando na receita,
Pratica no mortal cura perfeita;
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois que tudo no Brasil é raridade! (GAMA, 1974, p. 29).
(...)

Entendendo que o texto mantém relações dialógicas com outros textos, ou seja, “se constrói como mosaico de citações” (KRISTEVA, 1974, p. 64), a proximidade discursiva entre Xavier de Novaes e Luiz Gama deve ser interpretada sem depreciar a produção literária deste, tampouco reduzi-la a mera imitação. Na primeira estrofe de “Sortimento de gorras para a gente do grande tom”, por exemplo, Gama cria uma interconexão entre o tipo humano passivo de crítica, a saber o charlatão da medicina ou impostor como preferiu chamar Novaes (1858) em seu poema “Por que será?”, publicado no livro *Novas poesias*.

Luiz Gama é incisivo ao dizer que o charlatão no Brasil se proclama sabichão, termo que confere ao poema sonoridade e oposição de sentidos, conseguindo desse modo, o efeito desejado: a ironia. Nessa mesma estrofe, ao se dirigir aos falsários médicos, Gama diz que esses só curam quando erram a receita, tendo maior probabilidade de o paciente sobreviver se entregue ao acaso, já que atuam sem precisar seus métodos por faltar-lhe conhecimento. Por isso, segundo os versos de Novaes; “é mister que a criatura/que os chama, nunca os entenda/ do contrário foge à renda/ morre a fama, antes da cura” (NOVAES, 1858, p. 28), isto é, a máscara cai.

Os nobres orgulhosos de uma pretensa superioridade de raça não escapam à pena mordaz do poeta Luiz Gama, que sem titubear desvela a ascendência africana dos membros da elite, tal e qual enunciam os versos: “Em Guiné tem parentes enterrados/Esquecem os negrinhos seus patrícios”. Os mulatos de pele clara, seja em função da ideologia do branqueamento incutida no imaginário dos brasileiros, seja porque “o colonizado é o perseguido que sonha permanentemente em se tornar perseguidor” (FANON, 1968, p. 40) presumia ser branco, ao ponto de negar seu parentesco com a raça negra. Contrário à essa postura, Luiz Gama escreve:

Se os nobres desta terra, empanturrados,
Em Guiné tem parentes enterrados;
E, cedendo à prosápia, ou duros vícios,
Esquecem os negrinhos seus patrícios;
Se mulatos de cor embranquiçada,
Já se julgam de origem refinada,
E, curvos a mania que os domina,
Desprezam a vovó que é preta-mina:
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois que tudo no Brasil é raridade! (GAMA, 1974, p. 30).
(...)

No poema intitulado “Nobreza”, Xavier de Novaes (1858) em direção similar, problematiza o sentimento de grandiosidade anunciado pelo personagem fazendo a seguinte afirmação: “E se nobreza tanta, assim se enlaça/É Dom Vicencio igual ao meu cavalo/ Que bom preço requer, se é boa raça” (1858, p. 38). Nota-se que a crítica de Gama e Novaes tem o mesmo destinatário, os nobres defensores de raça pura. Ambos concordam que a sociedade é plural e os seres humanos constituem de igual maneira essa pluralidade, étnica e cultural, às vezes condição *sine qua non* à sobrevivência de um povo.

A maneira com que Luiz Gama volta-se ao leitor no seu texto literário assemelha-se ao jeito satírico com que Novaes convida seus leitores a fazer parte da sua narrativa. Na última estrofe de “Sortimento de gorras para a gente do grande tom”, Gama se refere ao público como peça fundamental para a transformação da realidade, como mostra os versos: [...] “Se por mais que me esforce contra o vício/Desmontar não consigo o artifício/ E quebrando a cabeça do Leitor/ De um tarelo não passo, ou falador” (GAMA, 1974, p. 33). Portanto, Luiz Gama tem consciência de que por mais combatente que seja, sozinho é incapaz de moldar o comportamento institucionalizado das pessoas; enquanto poeta lhe resta somente denunciar as ilicitudes do governo.

A elite continua sendo o alvo do poeta satírico em “Novo sortimento de gorras”. Tão jocoso quanto no primeiro poema, Luiz Gama rir às custas dos farsantes socialmente considerados virtuosos, ele começa alertando aos leitores que no Brasil há a possibilidade de ver jumentos de gravatas e homens de saber a quatro patas. Antes Novaes havia escrito: é costume, no Porto, muito antigo/Subirem, mais que os homens, os jumentos” (NOVAES, 1858, p. 158). Observa-se que imbuído ao termo pejorativo “jumento” está

o significado de ignorância ou estúpido, utilizado por ambos os poetas com o intuito de ironizar a escalada de determinados sujeitos na sociedade, conforme verifica-se:

(...)
 Se vires um tratante ou embusteiro,
 Com tretas enganando o mundo inteiro,
 A todos atirando horrendo bote,
 Sem haver quem o coce a calabrote;
 Se vires o critério desprezado
 O torpe ratoneiro empoleirado,
 Orelhudos jumentos de gravatas
 E homens de saber a quatro patas:
 Não te espantes, ó Leitor, da barbaria,
 Que é deusa do Brasil a bruxaria (GAMA, 1974, p. 133).
 (...)

No mesmo poema, Luiz Gama dirige sua crítica também ao judiciário, que ao deixar de cumprir o seu dever, merece o escárnio do poeta. A referida instituição brasileira, segundo o eu-poético, tende a ser desigual, pune rigorosamente os pobres e absolve os ricos de seus crimes, ferindo conseqüentemente o princípio da isonomia. Os profissionais do Direito fazem das leis uma negociata, privilegiando alguns cidadãos em detrimento de outros a depender da influência e posição socioeconômica dos mesmos, conforme denuncia os versos:

Se dormem de bolor encapotadas,
 Roídas do gusano, esfarrapadas,
 Nossas Leis, sentinelas vigilantes
 D'empregados remissos e tratantes;
 Se o Júri criminal, da nossa terra,
 Postergando o direito, sempre aberrar
 Punindo com rigor pobres mofinos,
 E dando liberdade aos assassinos:
 Chiton, pio Leitor, não digas nada
 A lei, cá no Brasil, é pataquada (GAMA, 1974, p. 133).
 (...)

Antes de Luiz Gama, o poeta Xavier de Novaes havia feito crítica semelhante ao judiciário, que devido à falta de senso de justiça, está “sempre às ordens da opulência, não consentem que a pobreza possa andar junta a inocência” (NOVAES, 1858, p. 19), mas ao lado da conveniência, segundo aponta Gama e Novaes em seus respectivos textos poéticos. Com base no exposto, nota-se que a escrita dos dois poetas têm aproximações tanto no que concerne ao estilo burlesco de tratar os problemas sociais característicos do século XIX, quanto às conclusões auferidas na abordagem dos vícios dos figurões brasileiros da era escravista.

A igreja católica é outro segmento da sociedade oitocentista criticado tanto por Xavier de Novaes, quanto por Luiz Gama. O poeta questionou o celibato imposto aos clericais mostrando o envolvimento destes com mulheres da comunidade, tal e qual su-

gere os versos: “Se um varão de coroa, digo, Padre/Por obra do divino, c’o a comadre/
Fabrica seu filhinho, por brinquedo/ Empinge no marido – psiu... segredo!” (GAMA, 1974, p. 133). Nesse sentido, se no poema “Novo sortimento de gorras”, Gama pilheria dizendo que por brinquedo o padre fabrica seu filhinho, Xavier de Novaes no seu poema “Epigrama” diz zombeteiro:

Uma criança innocente,
a um padre papá chamava,
E a mãe — do marido ausente —
Com a criança ralhava:

Castiga o marido, um dia,
Do inocente a singeleza,
E brada o padre, que o via:
“Deixe obrar a natureza!” (NOVAES, 1858, p. 26).

Xavier de Novaes e Luiz Gama denunciam em seus versos a existência de eclesiásticos que constituíram família, apesar da proibição do Vaticano, revelando, com isso, a hipocrisia daqueles que se passam por virtuosos, mas no anonimato levam uma vida desregrada. Na última estrofe do poema “Novo sortimento de Gorras”, ficou ainda mais notório as marcas da leitura do livro *Novas Poesias*, de Xavier de Novaes, reproduzidas ao estilo de Luiz Gama, nas *Primeiras Trovas Burlescas*”.

O poeta negro-romântico compartilhou de igual antipatia aos barões que compram tudo quanto pode. Como a vespa, nome do inseto com o qual fora batizado o poema de Novaes, cujos versos: “Macho ou fêmea, velho ou novo/Feio ou belo, sábio ou não/
Ou seja nobre, ou do povo/Chega a todos meu ferrão” (NOVAES, 1858, p. 99, guardam semelhanças com o trecho abaixo:

[...]
Não posso suportar fofo Barões,
Que trocam a virtude por dobrões;
Qual vespa, esvoaçando, atroz picante,
Com sátira mordaz, sempre flamante,
Picando picarei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar ferrão e arte (GAMA, 1974, p. 135).

A vespa tanto em Luiz Gama quanto em Xavier de Novaes aparece como uma metáfora para o sarcasmo mordaz que caracteriza a escrita de ambos os poetas. A crítica dirigida aos figurões do Brasil Império e a determinadas instituições representa o ferrão da vespa, por isso a voz narrativa assevera que por meio da arte literária picará por toda parte. Mas em se tratando dos versos transcritos, Gama direciona a sua sátira aos barões, cujos princípios éticos têm preço.

Nessa perspectiva, conclui-se que os poemas de Luiz Gama mantêm uma relação bastante evidente com os poemas de Xavier de Novaes, em especial pelo uso da sátira que permitia abordar aspectos da sociedade do século XIX, de modo a aliar estética literária e posicionamento político. Na verdade, tendo sido leitor e admirador de Novaes,

ao escrever seus textos poéticos, Gama acaba, ainda que indiretamente, forjando para si um estilo e um discurso literário que mostra o quanto a sua escrita reflete as suas leituras.

CONCLUSÃO

A trajetória político-literária de Luiz Gama revela um personagem da história brasileira que não apenas conseguiu libertar-se dos grilhões da escravidão, conquistou, sobretudo, a imortalidade de sua memória, seja por meio de sua obra literária, seja através das inúmeras produções intelectuais que repercutem a sua visão de mundo. Tendo sido um leitor contumaz de livros literários, religiosos, jurídicos e filosóficos, Luiz Gama conheceu o mundo sob diferentes perspectivas, o que lhe ajudou a construir pensamento crítico a respeito da sociedade a qual pertencia. Os livros deram a Luiz Gama um estilo literário, mas também a aprendizagem de como desobedecer epistemicamente por meio da linguagem. Atrelando arte e engajamento na literatura, Gama entretém e conscientiza os leitores das *Primeiras Trovas Burlescas*, sobre os problemas do Brasil Império.

Nesse sentido, com base na análise realizada, pôde-se constatar que Luiz Gama introduz os seus poemas com textos de poetas brasileiros e estrangeiros, porque estabelece com eles uma intertextualidade discursiva, o que lhe permite referenciar os autores que leu. Nas *Primeiras Trovas Burlescas*, a voz de Gama une-se a outras vozes, por isso que ao lê-lo reconhecemos as marcas de suas leituras, tanto do ponto de vista da construção estética, quanto da construção de sentidos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. In: Revista **Consultor Jurídico**, 4 de novembro de 2015. Disponível em: < <https://www.conjur.com.br/2015-nov-04/133-anos-morte-luiz-gama-recebe-titulo-advogado> > Acesso em: 31/07/2019
- ALMEIDA, Nicolau Tolentino de. A um leigo arrábido vesgo despedido da mesa de S.C.P. Silva, por tomar a melhor pera da mesa 29. In: **Obras completas**. Lisboa: Typographia de Castro & Irmão, 1861. p.18
- AZEVEDO, Elciene. **Entre escravos e doutores: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo**. Campinas, SP: [s.n], 1997.
- BERND, Zilá. **Poesia negra brasileira**. Porto Alegre: Age, 1992.
- CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. 4ª edição – Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros. Instituto Camões, 2000. [1572]
- DUARTE, Carina Marques. Em vez da lira, a marimba: Luiz Gama, o orfeu de carapinha. **Cadernos do Instituto de Letras**, Porto Alegre, n. 45, p. 52-66, 2012.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. de José de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. Trad. De Péricles Ramos. São Paulo: Cultrix, 1957.
- GAMA, Luiz. O grande curador do mal das vinhas. In: **Primeiras Trovas Burlescas**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 76-77
- GAMA, Luiz. Os glutões. In: **Primeiras Trovas Burlescas**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 96-97
- GAMA, Luiz. A um nariz. In: **Primeiras Trovas Burlescas**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 67-68
- GAMA, Luiz. Sortimento de gorras para a gente do grande tom. In: **Primeiras Trovas Burlescas**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 29-33
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.
- JANUZZI, Eliana Petrillo. **A Vespa do Parnaso, de Faustino Xavier de Novais: edição e estudo**. 2009. 244 f.

- Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) — Universidade Federal de Minas Gerais — UFMG, Belo Horizonte, 2009.
- KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974
- MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira**. São Paulo, Cultrix, 1977.
- MATTOS, Gregório de. **Poemas escolhidos**. (Org.) Jose Miguel Wisnik — São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MATTOS, Gregório de. Retrato do governador Antônio Luiz da Câmara Coutinho. In: **Poemas escolhidos**. (Org.) Jose Miguel Wisnik — São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 115-116.
- MENNUCCI, Sud. **O precursor do abolicionismo no Brasil**: Luiz Gama. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1938.
- MOURA, Clóvis. **Quilombos**: resistência ao escravismo. 3º ed. São Paulo: Ática, 1993
- NOVAES, Faustino Xavier de. **Novas poesias**. 2º vol. Porto: Typographia de S. J. Pereira, 1858.
- NOVAES, Faustino Xavier de. Por que será? In: **Novas poesias**. 2º vol. Porto: Typographia de S. J. Pereira, 1858. p. 28
- NOVAES, Faustino Xavier de. Nobreza. In: **Novas poesias**. 2º vol. Porto: Typographia de S. J. Pereira, 1858. p. 38
- NOVAES, Faustino Xavier de. Soneto. In: **Novas poesias**. 2º vol. Porto: Typographia de S. J. Pereira, 1858. p. 158
- NOVAES, Faustino Xavier de. Epigrama. In: **Novas poesias**. 2º vol. Porto: Typographia de S. J. Pereira, 1858. p. 26
- NOVAES, Faustino Xavier de. A vespa. In: **Novas poesias**. 2º vol. Porto: Typographia de S. J. Pereira, 1858. p. 99
- OLIVEIRA, Silvio Roberto dos Santos. **Gamacopéia**: ficções sobre o poeta Luiz Gama. 2004. 241 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, São Paulo, 2004.
- PIRES, Vera Lúcia. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. **ORGANON**, Porto Alegre, v. 16, n. 32-33, p. 36-48, 2002.
- PIRES, Antônio Donizeti. Personagens gregorianas: a poesia de Gregório de Matos e as convenções retóricas. **Itinerários**, Araraquara, n. 13, p. 163-183, 1998.
- SANTOS, Eduardo Antônio Estevam. **Luiz Gama, um intelectual diaspórico**: intelectualidade, relações étnico-raciais e produção cultural na modernidade paulistana (1830-1882). 2014. 243 f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC - SP, São Paulo, 2014.
- SANTOS, Jair Cardoso. **Entre as leis e as letras**: escrituras identitárias negras de Luiz Gama. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural) – Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Alagoinhas, 2016.